



CRIME CHEGA À SUA MESA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA

Maria do Carmo Gomes¹
Victor Hugo D’Albuquerque Lima²

INTRODUÇÃO

A Análise do Discurso, doravante AD surge nos anos 60 na França, por Pêcheux, em um momento de crise das esquerdas na Europa, e de ditadura militar no Brasil (ORLANDI, 2012). Filiada teoricamente às ideias sobre língua, sujeito e ideologia, a AD singulariza-se, por pensar a relação entre língua e ideologia afastando-se da metafísica, do positivismo e colocando em cena o materialismo. Pós-estruturalista, não trabalha com o conteúdo do sentido, nem do sujeito como origem. Não aderiu ao puro descritivismo, um mal dos linguistas que percebem a língua apenas como descrição, desconsiderando sua ordem, o descentramento do sujeito, o homem falando no mundo (ORLANDI, 2013). Na AD, o objeto é o discurso, trabalha-se com ele para se compreender o que ele é. Pressupõe-se a linguística, sendo essa ressignificada, em que se considera a língua como relativamente autônoma e inscrita na história para que produza sentidos (ORLANDI, 2004).

Trabalhamos com a AD porque ela nos permite compreender como nosso objeto simbólico – o enunciado - produz sentidos. Esta des-disciplina, como salienta Orlandi (2004) trabalha com a dispersão, a incompletude, nos limites tensos e moventes entre paráfrase e polissemia, dois processos de constituição da linguagem em que se ancora o movimento da significação entre a repetição e a diferença. Nessa perspectiva, utilizamos uma abordagem qualitativa de pesquisa, partindo de coletas de reportagens em jornais impressos, virtuais (Jornal do Comércio, Diário de Pernambuco, O Globo, Carta Capital), no mês de março do ano de 2017. Para a análise do enunciado “Crime chega em sua mesa” assim como análise das declarações de Temer e Maggi utilizamos textos de alguns autores filiados à AD pecheutiana, como Orlandi, Indursky, entre outros. O procedimento consiste na análise do enunciado e de suas reverberações em diferentes ações textualizadas em jornais, a fim de caracterizar funcionamentos discursivos e delinear formações discursivas do Governo Temer no tocante a este acontecimento. A princípio contextualizamos AD Francesa, em seguida tecemos comentários sobre a origem da “Carne Fraca”, posteriormente realizamos a análise do corpus, culminando com o efeito de fechamento de que o governo tentou silenciar e desqualificar a investigação da Polícia Federal durante este triste episódio.

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA ANÁLISE DE DISCURSO FRANCESA

A Análise do Discurso de linha francesa - AD, tem como ancoragem epistemológica, de

¹ Doutoranda do Curso de Ciências da Linguagem da UNICAP (Universidade Católica de Pernambuco), Recife, Brasil e professora da Rede Municipal do Recife.

² Doutorando do Curso de Ciências da Linguagem da UNICAP (Universidade Católica de Pernambuco), Recife, Brasil, Coordenador da Pós-Graduação na DeVry | Unifavip.



acordo com Pêcheux e Fuchs (2014), o entremeio de três regiões do conhecimento: o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e suas transformações, compreendida neste aspecto a teoria das ideologias; a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação e a teoria do discurso, como aquela da determinação histórica dos processos semânticos. Estas três regiões são, de certa forma, articuladas por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica.

A nascente teoria é afetada pelo momento de efervescência política do maio de 1968 e pelas leituras da tríade Marx, Freud e Saussure, havendo o delineamento de uma nova base teórica politicamente heterogênea. Ao se encaminhar para uma construção politicamente crítica e ideológica, a AD abalava as evidências literárias e “certezas” científicas do funcionalismo positivista (PÊCHEUX, 2008). Posteriormente, o autor fez reelaborações em sua trajetória de tessitura da AD, afastando-se da teoria da ideologia, e se aproximando do sujeito do desejo da psicanálise (VILAR DE MELO, 2005).

Talhada no entremeio da linguística, do materialismo histórico e da psicanálise, o marco inicial da AD no Brasil acontece em Campinas, nos fins da década de 70, tendo como principal representante Eni Orlandi. Com seu desenvolvimento no Brasil, começam a ser analisadas diferentes materialidades. É no período de ditadura que a AD emerge, num momento em que a necessidade da palavra é crucial e que se trabalha o que não pode ser dito no silêncio. A nascente teoria afeta outros campos disciplinares, uma vez que seu objeto teórico é o discurso, não deixando de destacar, todavia, que seus objetos de análise são de diferentes naturezas (ORLANDI, 2012).

É nesse lugar de delineamentos e de entremeios que Pêcheux se lança a pensar o discurso como estrutura e/ou acontecimento. A AD busca, então, depreender a tensão do político da/na linguagem e, neste movimento, estão imbricados sujeito, história e ideologia (FLORES; NECKEL; GALLO, 2015).

A respeito da mídia, é sua característica ser gestora de arquivo, a busca pelo direcionamento de sentidos como se os acontecimentos jornalísticos fossem os referenciais, o sentido pudesse ser único e não derivados de gestos interpretativos (DELA SILVA, 2013). Nisto conflui a opinião de Indursky (2015) quando afirma que a mídia brasileira direciona sentidos que lhes são próprios para leitores e espectadores, de forma a configurar apenas um sentido. Esse sentido é o “efeito de consenso que conduz à conformação da opinião pública” (INDURKY, 2015, p.17). A princípio, a mídia produz um efeito de convencer o consumidor de que há algo errado na produção da carne. Posteriormente, silencia. Não se fala mais sobre o assunto e quando timidamente se comenta algo é sobre o possível exagero e erro da Polícia Federal em condenar o consumo da carne.

CARNE FRACA: AS ORIGENS

No dia 17 de março, a polícia federal, após dois anos de investigação instaurou a operação Carne Fraca, que colocou a descoberto que grandes marcas como BRF e JBS, entre outras empresas fornecedoras de grandes frigoríficos estariam envolvidas numa suposta organização



criminosa composta por fiscais agropecuários federais. Entre alguns atos ilícitos revelados na denúncia, alguns frigoríficos dessas duas organizações colocaram à venda produtos vencidos, ré embalados e carnes estragadas maquiadas com ácido ascórbico para escamotear o odor. A operação da Polícia Federal revelou que os próprios fiscais do Ministério da Agricultura teriam recebido propina dos frigoríficos para não atuar estas irregularidades, em detrimento da sua responsabilidade com a fiscalização sanitária. De acordo com a Polícia Federal, o líder do esquema era o fiscal Daniel Gonçalves Filho, superintendente do escritório do Ministério da Agricultura no Paraná nos anos de 2007 a 2016. Junto a ele atuavam alguns servidores do órgão e Flávio Evers Cassou, que também foi fiscal agropecuário entre 2009 e 2014 e é o atual executivo da Seara alimentos, ligada à JBS. Investigações revelam que os partidos políticos PMDB e PP, que estiveram à frente das pastas da Agricultura por 18 anos, se beneficiaram do esquema que vendia carne adulterada. A propina era direcionada também a esses partidos não se sabe exatamente como. (JORNAL DO COMMÉRCIO, p.2, 18 de março de 2017).

Países importadores como União Europeia, China, Chile e Coréia do Sul, anunciaram restrições à compra de carne brasileira. A comissão Europeia, segmento executivo da União Europeia afirmou ter solicitado às autoridades brasileiras a suspensão da lista de exportadoras ao bloco as empresas investigadas pela polícia (JORNAL DO COMMÉRCIO, P.5, 21 de março de 2017).

O governo afirmou que a polícia incorreu em erros técnicos na investigação, denominada “Operação Carne Fraca”. O ministro da Agricultura Blairo Maggi, asseverou, que os problemas apontados são práticas permitidas por lei, que o ácido ascórbico é permitido no processamento da carne (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, p.3, Política A3, 20 de março de 2017). Com as denúncias e a forte repercussão da mídia nacional e internacional, observou-se um prejuízo nas exportações de carnes brasileiras para alguns países como China, Chile, Egito, Hong Kong, União Europeia, que suspenderam suas compras, mas já retornaram, com exceção dos dois últimos (JORNAL DO COMMÉRCIO, p.5, 18 de março de 2017).

Acreditamos que os eventuais exageros tanto na narrativa da PF, quanto na investigação dessa forma proferidos pelo governo Temer, associados a queda imediata das exportações para o mercado internacional produziram um efeito de recuo da PF e colocando na dobradura da memória, ou seja, recalçando para uma determinada zona do interdiscurso, irregularidades e o esquema de corrupção desvelado, de acordo com Indursky (2014).

ANÁLISE DO CORPUS

Crime chega a sua mesa desliza parafrasticamente para irregularidade, infração, desonestidade que chega à mesa. Polissemicamente, pode ecoar dentre alguns efeitos, o de participação do sujeito produtor ao sujeito consumidor no crime. Aciona uma memória discursiva que retoma o risco, o perigo, o descrédito que aflige o sujeito consumidor. Este funcionamento discursivo permite retomar o processo metafórico, que conforme Indursky (2011) é o que acontece numa família parafrástica e o efeito metonímico, que é o produzido pelo deslizamento entre saberes construídos a



partir de diferentes posições-sujeito inscritos numa mesma FD. O efeito metafórico do enunciado “crime chega à sua mesa” aciona a FD de consumidor a partir de diferentes posições-sujeito que correm risco, ou seja, a posição pai, filho, patrão, funcionário, dentre outras. Com isso, na formação imaginária (FI) do consumidor, ou seja, países importadores e público em geral, circula o sentido de que a carne é imprópria para consumo. A FI do governo, revelada em seus discursos já citados é de que, com o impacto da denúncia haveria prejuízos à economia brasileira, haja vista que o agronegócio e pecuária são os motores do PIB no Brasil neste cenário de crise econômica.

A polícia federal foi silenciada pelas condições de produção – ou seja, as condições sócio-históricas-ideológico em que se baseia o discurso (ORLANDI, 2013) - após a divulgação das fraudes e corrupção no setor alimentício. Tendo em vista um abalo na economia, nas relações do Brasil com países importadores, a Polícia Federal deu um estratégico recuo. No final do mês de março já não se veiculava, nem se falava mais sobre a “Operação Carne Fraca”, que desliza parafrasticamente para carne ruim, carne de baixa qualidade. Associando ao que Orlandi (1999) afirma, este acontecimento escapou à inscrição na memória. Sentidos historicamente possíveis foram interditados. Instaurou-se falta na memória, por interdição. A FD do povo foi silenciada. A memória é constituída pelo esquecimento, mas existiu um esquecimento produzido sobre o assunto em pauta. Foi interditado pelo governo que os sentidos fizessem outros sentidos. Não se permitiu que os sentidos atribuídos do povo ao esquema de fraude e corrupção fosse trabalhado, metaforizado. Apoiando-nos em Orlandi (1999) acreditamos que esses sentidos foram in-significados ou de-significados.

Michel Temer, que ocupa a presidência, defendeu a carne brasileira e disse: ‘esse assunto, se Deus quiser, vai terminar muito bem’ (JORNAL DO COMÉRCIO, p.5, 21 de março de 2017). A presença do sintagma cristalizado, “se Deus quiser”, presente no discurso religioso, é proferido pelo sujeito presidente. Percebemos o atravessamento de dois discursos: o religioso no político. Parafraseando Sargentini (2011, p.213), e deslocando sua ideia para nosso assunto, acreditamos que o atravessamento desses dois discursos produz o apagamento dos tons de litígio inerentes ao discurso político, em favor de uma pacificação. A marca da enunciação do sujeito presidente atrelada a condicional “se”, e a Deus, delega ao plano divino a responsabilidade de um bom desfecho para o assunto em pauta e, ao mesmo tempo produz também o efeito de ser a voz do povo ecoando. Conforme Orlandi (2011, p.244), “no discurso político, a voz do povo se fala no político”.

Blairo Maggi afirmou: ‘eu acho que essa é uma questão muito mais da narrativa que foi adotada para tratar o assunto’ [...] Quando estamos falando ‘fiquem tranquilos’ é porque a gente conhece a maior parte do nosso sistema, 99 por cento dos produtores de alimentos fazem as coisas transparentes, fazem as coisas certas’. ‘As empresas brasileiras investiram alguns milhões, milhões e milhões de dólares dos seus mercados, há mais de 10 anos, para consolidar mercado, e aí você pega uma empresa que é exportadora e vai dizer que misturou papelão na carne? Pelo amor de Deus. Não dá para aceitar esse tipo de situação’ (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, p. 3, Política A3, 20 de março de 2017).



A enunciação do sujeito ministro no recorte discursivo anterior produziu um efeito de descrédito, conferindo a denúncia mais um aspecto semântico do que um fato concreto. De acordo com Indursky (2013, p.82), o 'nós' é a não pessoa discursiva, corresponde ao referente não especificado ao qual o 'eu' se associa para constituir o 'nós'. Mais uma vez, percebemos o atravessamento do discurso religioso no político, com a evocação do nome de Deus e produzindo o efeito que pelo amor a Ele (Deus) não se acredite na denúncia de adulteração da carne. A evocação de Deus assume uma forma de pré-construído, como afirma Pêcheux (2009, p.151).

Percebemos uma repetição do nome de Deus nos dizeres do sujeito presidente e do sujeito ministro produzindo um efeito de crença que é da responsabilidade de Deus resolver o problema e como ancoragem para um suposto equívoco e/ou hiperbolização semanticamente construído pela Polícia Federal. Conforme Indursky (2011) o regime de repetibilidade pode ocorrer pelo fato de se repetir através dos tempos e, por conta disso, ganhou regularização, passando a fazer parte da memória coletiva – O que ainda se mantém vivo dentro de um grupo social, retirando do passado o que se mantém vivo na consciência de um grupo (HALBWACHS, 1990, p.51,81) - dos brasileiros.

Mais do que o atravessamento do discurso religioso no discurso político, a crise da “Carne Fraca” fez ressoar na formação imaginária do povo e dos países importadores que a preocupação maior nos discursos do governo não tinha por foco a saúde pública, mas sim os prejuízos à recuperação da economia brasileira em forte recessão, sendo a retomada do crescimento o principal pilar de sustentação do questionado governo Temer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Operação Carne Fraca, da Polícia Federal, amplamente repercutida nos meios de comunicação, traz nova crise ao governo Temer e à fragilizada economia brasileira, onde há uma produção de efeito de evidência de temor ao consumo da carne produzida no Brasil, haja vista que as denúncias generalizaram na formação imaginária da população, que toda carne produzida era imprópria ou não seguia corretos padrões sanitários. No discurso do governo circula um efeito de forte preocupação com os impactos nas exportações de carne e nos danos à economia. Neste trabalho, o funcionamento discursivo se refere apenas aos locutores, em que a memória discursiva de Deus como providência para os acontecimentos e desqualificação da denúncia da carne fraca é atualizada na enunciação dos dois sujeitos do governo. Outro sentido possível para a evocação de Deus é a impossibilidade do governo em corrigir o problema cuja origem é de sua responsabilidade. Fica a esperança de que, “se Deus quiser”, esta nova crise também passará.

REFERÊNCIAS

GALO, Solange M. L. A internet como acontecimento. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria C. L.(orgs). Memória e história na/da análise do discurso. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER, D. Efeitos do arquivo. A análise do discurso no lado da história. In: ORLANDI, Eni P.(org). *Gestos de leitura*. Da história no discurso. 4 ed. Campinas, SP: Editora da



Unicamp, 2014.

HALBWACHS, Maurice. *Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

INDURSKY, Freda. Políticas de esquecimento x políticas de resgate da memória. In: FLORES, Giovanna G. B.; NECKEL, Nádia Régia M. N. (orgs) *Análise de Discurso em Rede: Cultura e Mídia*. V1. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

_____. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. 2 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

_____. *A memória na cena do discurso*. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina L. F. *Memória e História na/da Análise do Discurso*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

MARIA CRISTINA L. F. *Análise do Discurso no Brasil: Notas à sua História*. In: FERNANDES, CLEUDEMAR A.; SANTOS, JOÃO BOSCO C. dos. (Orgs). *Percursos da Análise do Discurso no Brasil*. São Carlos: Clara Luz, 2007.

ORLANDI, Eni P. *Orlandi. Análise de Discurso. Princípios e Procedimentos*. 11ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

_____. *Cidade dos Sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2004.

_____. *ORLANDI, Eni P. Palavra, Fé e Poder*. Campinas, SP: Pontes, 1987.

_____. *ORLANDI, Eni P. Papel da memória. Tradução e introdução: José Horta Nunes*. In: *Papel da memória*. Achard, Pierre ET al. Campinas, SP: Pontes, 1999

_____. *Apagamento do político na ciência: Notas à história da Análise de Discurso fragmentação, diluição, indistinção de sentidos e revisionismo*. In.: ORLANDI, Eni P. *Discurso em análise. Sujeito, sentido, ideologia*. 2 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

_____. *Análise de Discurso e contemporaneidade científica*. In.: ORLANDI, Eni P. *Discurso em análise. Sujeito, sentido, ideologia*. 2 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi ET al. 4 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

Latin-American Journal of Fundamental Psychopathology, on line, v1, p.61-71. VILAR DE MELO, Maria de Fátima. *Análise do Discurso e Psicanálise: Interloquções possíveis e necessárias*. Disponível em: <[HTTP://www.psicopatologiacomunitaria.org/uploads/files/latin_american/v2](http://www.psicopatologiacomunitaria.org/uploads/files/latin_american/v2)>. Acesso em : 19 de julho de 2017.

SARGENTINI, Vanice. *Discurso e história em diferentes materialidades do discurso político*. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina L. *Memória e história na/da Análise do Discurso*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

SILVA, Silmara Dela. *O arquivo da felicidade: Apontamentos sobre a noção de arquivo e o seu funcionamento no discurso da mídia*. IV SEAD, Porto Alegre, 15-18 out. de 2013.

Crime chega a sua mesa. JORNAL DO COMMERCIÓ, p.2, 18 de março de 2017.

Força tarefa para fiscalização. JORNAL DO COMMERCIÓ, p.5, 18 de março de 2017.

Operação Carne Fraca é Frágil, mas uma coisa é certa: Há corrupção. CARTA CAPITAL, 24 de março de 2017. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/operacao-carne-fraca-e-fragil-mas-uma-coisa-e-certa-ha-corrupcao>>. Acesso em: 19 de julho de 2017.